



00:00:29 Mônica Francisco

Olá, esse é mais o Memória Viva e hoje entrevistando uma das figuras, acho que uma das mais importantes da produção acadêmica do Brasil.

00:00:54 Mônica Francisco

A gente vai conversar hoje com a coordenadora do dicionário de favelas Marielle Franco, Sônia Fleury. Conta pra gente a primeira imagem que veio na sua cabeça quando você se entende, Sônia.

00:01:07 Sonia

Olha a primeira imagem que que eu me lembro, né? A primeira imagem da minha infância, com 4 anos, foi o dia que o Getúlio morreu. É uma imagem política.

00:01:17 Sonia

Então acho que aí eu me entendo por gente que eu ia ser um ser político. Eu tava na casa do meu avô aqui no Rio.

00:01:24 Sonia

E que era getulista esse quadro do do Getúlio, né? Do PTB. E é, eu vi meu avô desmoronar quando ligaram o telefone.

00:01:34 Sonia

Isso para mim foi imagem fortíssima. A ideia de que alguma coisa tinha mudado no país para sempre, né? Então essa é a imagem mais tenra que eu tenho, de 4 anos de idade.

00:01:47 Mônica Francisco

Quando você pensa na sua família, né? Você tá falando do seu avô, que essa imagem?

00:01:51 Mônica Francisco

Que te linka com a política. Você é uma cientista política, uma psicóloga social. Você tem inúmeros, predicados, né?

00:02:00 Mônica Francisco

Sônia fala um pouco da sua família. Quais são as influências que você traz até hoje?

00:02:07 Sonia

Veja, eu tinha dois polos. O Brasil tava mudando e tinha decadência, né? É do latifúndio.

00:02:16 Sonia

E eu tinha um avô latifundiário, né, que foi. Essa coisa foi caindo.

00:02:21 Sonia

E o outro avô, que era esse Brasil moderno que estava sendo construído, funcionários públicos construindo estado moderno com Getúlio e tudo mais, entendeu? Portanto, o lado latifúndio, né? Odiava o Getúlio que mandou queimar o produção de café e tudo mais, né?

00:02:41 Sonia

Enquanto o outro lado é incensava esse grande representante do Brasil que estava se construindo. É claro que o meu avô.

00:02:50 Sonia

É daqui do Rio, né? Getulista e tudo mais. Eu tive muito mais proximidade com ele, mas o outro eu via também a forma com que ele lidava, né?

00:03:01 Sonia

Na fazenda as pessoas chegavam e aquela forma dura de falar com as pessoas e tudo mais é tratar as pessoas. A minha avó da fazenda, ela não comia na mesma mesa que os filhos e o e o marido.

00:03:16 Sonia

E a minha avó do lado de cá, urbana, né? Do meu avô. Urbano era filha de poloneses.

00:03:24 Sonia

Uma mulher de cabeça completamente aberta, né? Mas também essa é outra influência grande, porque os poloneses, no caso do meu avô, né, bisavô que veio para cá e consideravam os brasileiros um horror.

00:03:41 Sonia

Então as filhas supostamente deveriam todas se casar com europeus ou filhos de europeus, porque os brasileiros eram todos cífilticos. E claro que elas todas casaram com cífilticos, porque não tinha outros outros homens. Então são muitas contradições.

00:03:56 Sonia

É essa coisa de uma imagem de ter sido da da Europa de nobreza, de termos o brasão, a imagem do latifúndio decadente, a imagem do Brasil moderno.

00:04:07 Sonia

Essas são imagens muito políticas, que construíram a minha identidade o tempo inteiro, lutando às vezes contra uma, favorecendo outra, mas assim, enquanto criança, eu fui criada nesse contexto.

00:04:20 Mônica Francisco

Fala da sua mãe?

00:04:22 Sonia

Da minha mãe. A minha mãe era dessa parte polonesa, né? Que achava que a Europa era o máximo, que tudo daqui era um horror.

00:04:31 Sonia

Mas a minha mãe, ela estudou no Colégio Santa Maria, que era o colégio das moças.

00:04:37 Sonia

De elite de Belo Horizonte. Então ela era uma pessoa culta, falava francês, como naquela época, as pessoas cultas, deviam saber falar francês, correntemente e tudo mais. E se casa com um fazendeiro, né, meu pai, é que ele vai viver na roça, numa realidade completamente diferente do que ela imaginou, né?

00:05:03 Sonia

E a minha mãe era uma pessoa muito.

00:05:07 Sonia

Crítica, ela chegava na sua casa, podia estar tudo perfeito se tivesse uma coisa errada, ela descobrir aquela coisa para jogar na sua cabeça, entendeu? Mas ao mesmo tempo ela nos impulsionava, porque Ela Foi a cultura. A cultura entrava na nossa vida pela minha mãe.

00:05:24 Sonia

A gente morava na roça, não tinha luz, não tinha nada, mas assim botava lareira, declamávamos poema, fazíamos teatro, líamos Monteiro Lobato, sabe? Era era mamãe que sempre exigiu da gente e tudo isso, né? Nos colocou nesse mundo e eu fui parar na escola assim pra ficar um ano inteiro na escola quando eu tinha 10 anos.

00:05:48 Sonia

Até lá, a minha educação é foi sempre.

00:05:53 Sonia

Um pouco complicado, porque a gente morava em fazenda aí, claro, tinha essa história de ser uma elite de fazenda também. Então meu avô contratou lá uma preceptora para nós, mas aí minha mãe ficava com ciúme, mandou a preceptora embora, porque outra mulher na casa dela, ela não ia aceitar, né? Então ela era ciumenta e então a gente não tinha aula.

00:06:14 Sonia

Nós passávamos o ano inteiro subindo em mangueira, perto de goiaba, não sei o que e tal, quando chegava no.

00:06:20 Sonia

Vovô foi lá na Secretaria de educação do estado, arranhou os manuais todos da secretaria de educação nos últimos 3 meses. A mamãe dava aula pra gente enfiava aquilo tudo no conteúdo de 1 ano na cabeça da gente. E papai fez um acordo com a diretora do grupo escolar.

00:06:40 Sonia

Lá em Sete Lagoas nós tínhamos que ir pra fazer as provas finais e o grupo nos aprovava sem a gente ter.

00:06:48 Sonia

Indo lá, então, nós íamos de roupa sem uniforme, não sabíamos nos comportar porque tinha fila. Nós não sabia o que fazer na fila, quer dizer, era o total e tinham que tirar dos primeiros lugares, senão mamãe matava a gente porque era o prestígio dela que estava em jogo como professora, né? E depois, quando nós fomos para a cidade, aí eu já, eu e minha irmã já estávamos, já tínhamos ido embora.

00:07:12 Sonia

Até mamãe se tornou professora de línguas de inglês e francês nos colégios em Sete Lagoas.

00:07:17 Sonia

E sempre foi de uma exigência absurda. Aponto que quando nós fomos pra universidade, fomos primeiro eu e minha irmã, que eram muito próximas de idade. Depois começaram aí os outros, né?

00:07:29 Sonia

E aí a minha mãe disse pro meu pai que eles não iam ficar atrás, todos os filhos iam formar na universidade, imagina se eles 2 não. E foi muito interessante isso, porque meu pai tinha perdido a fazenda, o que quer dizer que.

00:07:44 Sonia

Você vai, sai da fazenda que você é dono de tudo e você vai precisar. Você não tem profissão nenhuma, é uma coisa absurda, né? Você não sabe, não tem profissão.

00:07:54 Sonia

Então ele conseguiu lá um emprego horrível na cooperativa de leite de lá, porque conhecia as pessoas, mas era um emprego muito subalterno e minha mãe não se conformava com isso. E aí ela disse, vamos estudar. Nós dois, eles tinham isso feito na época deles, até o.

00:08:10 Sonia

Quinto ano que era, que seria o primeiro ano científico ou normal naquela já na minha época, né? Então eles pegaram a coisa de madureza e ficaram estudando. Acordava às 4:00 da manhã, estudava até às 5:30.

00:08:27 Sonia

Depois meu pai tinha que ir pro trabalho, né? E entraram na faculdade, que abriram faculdade lá em Sete Lagoas. Minha mãe se formou em letras.

00:08:39 Sonia

E meu pai se formou em advocacia e depois fez concurso. Ele deixou ela super bem porque ele virou da advocacia da união e tal. Mas isso minha mãe empurrando entendeu que tinha que nós tínhamos que ser os melhores, tinham que ser isso.

00:08:52 Sonia

Minha mãe era muito exigente, é pra pra pra bem, né? Pra gente eu acho que foi muito importante. Ela exigia dela e do papai também, porque talvez ele tivesse se acomodado e ela não, não deixava se acomodar, né?

00:09:06 Mônica Francisco

A gente está com a equipe aqui ouvindo. Eu tenho certeza que eles conseguem ver no seu perfeccionismo, na sua força, na sua capacidade de produzir, de formular política, de pensar política, de olhar para o mundo. A gente consegue ver cada pedaço da sua família em você e como você personifica isso.

00:09:31 Mônica Francisco

Mas eu queria que você falasse da sua filha.

00:09:34 Sonia

A minha filha é uma maravilha, a minha filhota, Júlia. Atualmente ela é a professora da universidade em Viena, não em Viena em Cremes. Ela Foi da universidade de Viena.

00:09:47 Sonia

Agora ela entrou por concurso na universidade de cremes, na área de política, né? Ela fez uma trajetória completamente diferente da minha e acabou chegando no mesmo, no mesmo campo de trabalho. E hoje a gente troca figurinha e tal.

00:10:03 Sonia

Ela trabalha com tema de dos imigrantes, né? Da imigração, que é o grande tema dos excluídos na Europa. Então a gente tem um diálogo hoje sobre as questões de exclusão, cidadania, tudo isso que é muito e foi assim uma menina que só trouxe alegria, é mais caretinha do que eu em muitas coisas, mas depois de um certo tempo ela foi para o SEAT, né?

00:10:29 Sonia

Depois, no primeiro não tava no colégio também, mais com a cara dela. Depois ela cansou daquela cara e resolvemos botando SEAT que só tinha filho de maluco, entendeu?

00:10:40 Sonia

Então, e aí ela é interessante porque a Júlia ela se impôs, por exemplo, no SEAT.

00:10:48 Sonia

Podia ter sido sujeita a bullying porque ela era uma pessoa mais centrada, tradicional, super vigorosa com as coisas dela, de estudo, de tudo isso, um pouco da educação, da casa, da família e tudo mais. E lá aquele bando de gente lá desbundado. E eles adoravam a Júlia e ela também.

00:11:08 Sonia

Quando eu fui para os Estados Unidos, ela Foi estudou em Georgetown.

00:11:13 Sonia

Né? E de lá nunca mais voltou para o Brasil, porque se casou, foi morar na Áustria e tal. Tem duas netinhas lindas que eu tenho.

00:11:23 Sonia

A gente estudava por prazer. O conhecimento para nós entrava pelo pelo prazer, pelo desejo e não pela instituição. Então essa é uma das marcantes da minha vida.

00:11:34 Sonia

Eu não ligo para instituições.

00:11:36 Sonia

Não dou a menor bola. Eu gosto de fazer as coisas, gosto de conhecer, gosto de realizar mais a coisa institucional, a burocracia, tudo isso não me diz respeito, razão pela qual eu também nunca quis fazer carreira dentro das instituições. Sempre tentei fazer o trabalho que eu gosto de fazer.

00:11:55 Sonia

Essa foi uma das coisas que eu acho que marcou e marca minha vida inteira. Quando nós mudamos para a Sete Lagoas, saindo da fazenda para Sete Lagoas.

00:12:05 Sonia

Meu pai tinha construído uma casa muito bonita num bairro novo, então um bairro que ainda tinha pessoas mais simples que moravam do nosso lado. Morava uma família é de operário, um operário ferroviário, e a mãe espancava os filhos toda tarde, batia, todo dia batia nos meninos. E a gente via, porque a nossa casa era de 2 andares e a gente lá de cima via.

00:12:31 Sonia

Aí a mamãe foi lá.

00:12:33 Sonia

É falar com ela, dona Helena, perguntar o por que que ela batia nos meninos. Aí ela disse, menina, e meninos, ela disse que batia porque eles não não conseguiam estudar, não tiravam nota boa, enfim, ela, ela era analfabeta também não sabia o que fazer, já não sei espancar. Aí a mamãe falou, fez um trato com ela, falou assim, você não bate nunca mais nos seus filhos e meus filhos, cada um deles vai educar o seu filho.

00:12:59 Sonia

Um deles, cada um vai fazer responsável por pelo outro e todos vão passar de ano. Vai ser tudo vai se resolver. E foi isso que aconteceu.

00:13:07 Sonia

Então ficamos umas famílias, ficaram bastante unidas, um deles é gerente do Banco do Brasil e tudo mais, mas nós éramos responsáveis, cada um assignou a cada um você por esse e quase todos viramos professores. Ou seja, essa ideia de educar os outros também sempre foi parte da da história da família.

00:13:26 Mônica Francisco

Você é uma mulher muito forte.

00:13:29 Mônica Francisco

E a gente ainda vive sob a égide do patriarcado, do machismo, do ceticismo, né? Isso está presente ainda hoje, no século 21. Você acabou de dizer que é uma mulher anti institucional.

00:13:43 Mônica Francisco

Você é uma mulher que faz por prazer, que busca o conhecimento por prazer. Isso é parte inerente a da sua existência. Agora, isso é um processo duro dentro das instituições você tem que enfrentar muita resistência.

00:13:58 Mônica Francisco

E na maioria das vezes, a produção acadêmica, a vida acadêmica, a construção, a formulação das mulheres dentro dessa sociedade é invisibilizada. Então, para nós é importante tanto essa pesquisa a seu respeito quanto dizer o quanto você tem é prestígio nacionalmente, internacionalmente é na sua produção, na sua construção.

00:14:25 Mônica Francisco

Enquanto acadêmica, enquanto alguém que ama a busca pelo conhecimento e parte da carta, né? Depois de homenagem, depois da sua saída da Abrasco - Associação Brasileira de Saúde Coletiva, né? Diz o seguinte: "Com Sonia aprendemos que renovação é construir sempre novos passos para defender de forma intransigente a democracia e os direitos sociais".

00:14:54 Mônica Francisco

Essa frase resume você. Eu queria que você falasse um pouquinho pra gente, como é que? Como é que foi essa experiência, né, de passar por esses espaços?

00:15:05 Mônica Francisco

Você passou pela ABRASCO, FGV, né? Onde você devolve as medalhas, né? A sua carta a FGV é uma carta muito forte, mostra sua força e sua personalidade, a sua anti institucionalidade.

00:15:22 Mônica Francisco

Mas mostra alguém que tem compromisso exatamente com isso, com a defesa incondicional da democracia e dos direitos sociais. Eu queria que você falasse um pouquinho disso.

00:15:31 Sonia

Eu sou uma feminista tardia. Eu não fui do movimento feminista. Tenho uma irmã que é liderança em Minas, desse movimento e tal.

00:15:41 Sonia

Mas não fui, né? E nem percebia assim o tanto de barreiras que eu enfrentava por ser mulher.

00:15:50 Sonia

Só hoje, então tardiamente, eu sou feminista, que reconstruindo a minha história eu vejo. Quantas vezes eu fui boicotada, né? Nas instituições que supostamente eram progressistas, por exemplo, no Partido Comunista, né?

00:16:06 Sonia

É, enfim, várias situações nas quais é por ser mulher, fazia se um complô pra que eu não assumisse as posições de mais importância e tudo mais.

00:16:19 Sonia

Mesmo nos sebs. Eu fui presidente, né? Dos CEBES na refundação, que eu fiz muito mais recentemente, mas quase tudo que tava lá, dos dos editoriais, da revista e tal, fui eu que escrevia.

00:16:32 Sonia

Mas nunca assumi uma posição. E isso hoje me parece muito claro que eram barreiras, porque ali que eram os homens, sempre que assumiam as direções e as posições de tudo, né? Agora eu tenho um.

00:16:48 Sonia

Assim, q característica de pessoal, né? Que eu atribuo a ser a ser filha de Ogum, que eu compro briga facilmente, entendeu? Eu saio com minhas espada e lança e arde quem entrar na minha frente.

00:17:02 Sonia

Então eu é, quer dizer, esse não me custava tanto enfrentar essas coisas, porque eu eu entro numa briga e vou fundo.

00:17:10 Sonia

Né? Mas é claro que tive muitos momentos na vida em que essas situações foram é violentas, de violência, de violência comigo, né? Eu posso te dizer, por exemplo, se era para substituir um companheiro que estava saindo da direção da minha cédula do Partido Comunista, né?

00:17:31 Sonia

E eu era o cargo seguinte, é o dele. Então, supostamente seria eu. E aí?

00:17:39 Sonia

Um outro. O companheiro disse, olha, eles armaram uma situação, então vão propor um outro, o terceiro e não você, que pra mim eu nem estava preocupado com as pessoas, meio que óbvio. Mas aí eu já entrei na briga e eu entro fortemente.

00:17:55 Sonia

Eu entrei e disse, olha, cheguei na reunião do partido e antes que alguém falasse qualquer coisa, eu pensei, eu tenho que falar antes.

00:18:02 Sonia

Aí eu falei, eu quero propor um nome. E aí fiz altos elogios de ser uma pessoa fantástica, capaz de fazer isso, que fez isso, que não sei o que lá sou eu. Aí ele ficou todo mundo boquiaberto e ninguém podia dizer que eu não era aquilo tudo porque não dava.

00:18:17 Sonia

Então antes que propusesse um cara que depois foi ministro e tudo mais, mas que esse é o que era para ser proposto, então eu vou com esse espírito, entendeu? Se é para ir, então eu me defendi.

00:18:29 Sonia

Eu defendi a democracia para o país e me defendi das formas autocráticas e, patriarcais durante toda a minha vida. Mas uma coisa com um custo relativamente alto, né? Nessa história?

00:18:41 Mônica Francisco

Ainda é um custo alto, olha, eu acho.

00:18:44 Sonia

Que sim, eu acho que essa coisa mudou no sentido que a mais.

00:18:49 Sonia

Reivindicações das mulheres, assim como a mais reivindicações dos negros e tudo mais. Mas é uma sociedade ainda extremamente patriarcal e eu acho que isso explica, né? Por exemplo, o voto agora saiu essa semana a diferença entre o voto das mulheres jovens, dos homens, né?

00:19:10 Sonia

Os homens conservadores e as mulheres mais progressistas nas questões de comportamento e tudo mais.

00:19:17 Sonia

E o que se que que pode explicar isso? As mulheres andaram e o mundo avançou, e os homens sentem que estão tirando o tapete deles do da situação que eles viviam. Não raciocina isso necessariamente, mas você vê isso se expressando eleitoralmente quando votam no sujeito como o Bolsonaro.

00:19:37 Sonia

Como você explicar que pessoas que na convivência pessoal, familiar, são pessoas que têm valores democráticos e tudo mais, e que votam num sujeito que representa uma imagem do da ordem que parece estar sendo perdida, né? Então acho que é hoje em dia ainda ainda é, é assim. E a gente vai ter que enfrentar isso a vida inteira, né?

00:20:01 Sonia

A vida inteira eu fui formada em Belo Horizonte.

00:20:05 Sonia

Né? Eu fiz Psicologia lá, fui, trabalhei como Psicóloga Social e ali foi realmente o grande espaço da minha formação como intelectual e tudo mais. Então, o negócio da reforma sanitária, tudo isso entra vários anos depois.

00:20:22 Sonia

Quando eu vim para o Rio, nós vivemos em situação de ditadura. Dia que eu entrei na faculdade, eu é, eu era excedente. Então teve a luta dos excedentes, aquela coisa toda.

00:20:35 Sonia

E a hora que eu entrei na faculdade tinha uma assembleia com o Zé Dirceu num caixote é mais icônico do que isso não tem, né? A gente lá então entrei na no mundo da política eu já tinha tá assim em Sete Lagoas, eu é. Eu fui expulsa do colégio interno e aí depois as freira com meu pai foi lá e fez um acordo com elas que podia ficar externo desnisternato.

00:21:00 Sonia

Eles ainda estavam na fazenda aí quando acabou

00:21:05 Sonia

O ginásio eu fui ser é, fui pra um colégio, que era o científico, que era um colégio, tinha 500 homens, era um colégio masculino da cidade. Meu pai inclusive tinha estudado nesse colégio do tradicional colégio masculino, porém, como era o único científico, ele era obrigado a aceitar mulheres, só que as mulheres não iam pra lá porque ficavam inibidas de ir pra um colégio mais. Então nós éramos 5 mulheres e 500 homens.

00:21:31 Sonia

E eu no primeiro ano me tornei presidente do diretório, virei assim, a líder do colégio inteiro, entendeu? E ali já teve uma situação que não tinha nada. Enfim, nós fizemos a primeira e única passeata da cidade a os meninos.

00:21:50 Sonia

Foram uma questão de disputa entre colégios e tal eleição do diretório lá estudantil e.

00:21:59 Sonia

Nós fomos, mas como era ditadura, nós começamos a ser perseguidos pela polícia política e nós éramos tínhamos 16 anos, eram tudo de menor, né? E aí eles identificaram quatro pessoas. Era Eu que, porque era presidente do meu colégio, do meu colégio, o meu vice, um que é um médico do Cláudio e dois meninos bem bobos.

00:22:29 Sonia

Que tinham arrombado a união colegial e tinha caído a caderneta de estudante de um e um caneta do outro com o nome deles. Bom, aí a polícia política vem para Sete Lagoas para nos vigiar. E aí os os rapazes que já estavam politizados estavam na faculdade, que eram de Sete Lagoas.

00:22:48 Sonia

Vem para nos explicar o que que estava acontecendo. E disse, olha, os padres desse colégio são padres. Os espanhóis são todos progressistas.

00:22:56 Sonia

O que eles querem são os padres.

00:22:59 Sonia

De maneira que vocês têm que ter cuidado, o que é que vão falar. E aí nos treinaram, tudo que podia falar, não podia falar. Então como eu era uma ali dentro do colégio, e claro, aí eu inaugurava torneio de futebol, aqueles negócio todo dando um chute inicial na bola, os menino fazia aquela coisa, tudo era uma maravilha, os 500 homens admirando você já maravilha, adorava aquele negócio.

00:23:22 Sonia

Aí quando eles jogaram a primeira urna para fora, eu chutei a urna.

00:23:27 Sonia

Porque falaram é, eu fiz a mesma coisa, só que não era bola estropiei o meu meu dedão ficou tudo preto, não sei o que lá. Aí eu é, eu viei a polícia e nós fomos convocados pra ir a delegacia pra um depoimento e eles nos seguiam, ai pra hora dançando, ficava a polícia seguindo pra gente, ficou tudo do lado, aí fomos né? E eu, meu pai, levou, botou na caminhonete, os quatro de menor e fomos pra prestar o depoimento.

00:23:57 Sonia

E eu resolvi usar todas as prerrogativas que tinham me ensinado que uma pessoa podia fazer nessa situação, que eu era muito abusada. Aí o delegado perguntava, eu falava, depois eu falava para o escreveu, leia para ver se o que eu falei não exatamente por favor trocar isso palavra por fiquei abusando ali daquela coisa. Tava achando interessante, divertido aquilo.

00:24:20 Sonia

Aí o delegado vira e fala assim, Ah, eu soube que assim, olha você, menina, chutou.

00:24:26 Sonia

A urna que tá com o pé machucado sabe até que tava com o pé machucado. A polícia política não tinha. Aí ele mandou eu tirar o sapato pra mostrar.

00:24:36 Sonia

Aí eu acabei, né, com 16 anos, fazendo aquela poupança toda. E aí meu pai vira e fala assim, é eu, senhor, delegar eu sou é tenente da reserva.

00:24:49 Sonia

Da Segunda Guerra Mundial e filha minha não tira sapato na frente de homem nenhum, como quando o homem se tivesse pedido para eu me despir. Aí o homem pediu 1000 desculpa, papai me salvou, pegou nós todos e levou a gente para tomar um picolé de queimadinho, que era o melhor coisa que tinha na cidade para comemorar. A minha família tinha isso, meu pai não ia me deixar na mão numa situação dela.

00:25:13 Sonia

Mas foi uma época de politização, isso que eu quero dizer, grande politização. Nós nos vimos dentro de um rede.

00:25:19 Sonia

Ruim que não era para pegar a gente, mas que e fomos politizados ali também, né? E entramos na faculdade, aí já era a política mesmo, tinha, não tinha aula. A polícia cercava a faculdade, a gente morava ali, não podia sair aquela loucura.

00:25:33 Sonia

E eu fui trabalhar na psicologia social e nessa época de grande politização. Quer dizer, ali tinham duas alternativas na vida da gente, que a gente ia.

00:25:46 Sonia

Abraçava a hora um, hora outro ou as duas, seja lá o que for, que era o pessoal de mais à esquerda, que tava indo pra guerrilha do Araguaia ou que tava sendo preso, né, no Ibiúna e tudo mais. Então a gente tava naquele meio, nós apoiávamos, fazíamos tudo que podia e tal, ou AO desbunde. E era contra cultura, né?

00:26:09 Sonia

E aí era droga, sexo e rock and roll.

00:26:12 Sonia

E a gente ficava entre um e outro transitando entre um e outro, né? Então essa foi uma formação política que eu tive uma formação. Ademais, do ponto de vista pedagógico, foi fantástico do setor de psicologia social.

00:26:26 Sonia

Aí eu aprendi AA dirigir um centro como hoje em dia, como outros que eu já dirigia e tudo mais. É interlocução com pessoas que de informações disciplinares, completamente diferente umas das outras. Era fantástico.

00:26:40 Sonia

Né? Ali a gente trabalhou com Foucault, trabalhou com o Lapassade, foi foi uma experiência, é incrível, mas ficava no meio dessa doideira transitando, né? A gente, eu não tava na política nenhum, não era dentro de partido nenhum, mas eu era simpatizante.

00:26:59 Sonia

Então tinha reunião no lá no lugar que a gente morava, na República que a gente morava é eu ia toda quarta-feira pro.

00:27:08 Sonia

Em vez de ir para aula, tinha que fazer uma aula de da medicina, que era de neuroanatomia, pegar aquele cérebro. Eu fui lá formol, um negócio horroroso. Eu fui uma vez, nunca mais fui, porque eu ia toda quarta-feira no Dops visitar os presos políticos, porque como eu não era de partido, mas era simpatizante, eu era.

00:27:26 Sonia

Eu era avião, né? Levava recado, trazia recado, trazia essa coisa. Depois o professor, eu fui lá falar com ele, eu falei, vamos arriscar, não custa nada arriscar e dizer para esse homem que eu não, porque que eu não vim dar aula?

00:27:38 Sonia

Neuroanatomia, aí eu falei, ó, não vou porque eu estou indo no Dops. Ele me passou, quer dizer, ele devia ser de esquerda também. Não sabia, porque ele só metia com cérebro, aquelas coisas, mas ele me passou.

00:27:47 Sonia

E, tudo bem. Mas nessa época, por exemplo, na área contra cultural, foi o meu primeiro contato com favela, porque a favela e as religiões de matriz africana eram contra culturais, porque a cultura hegemônica impedia.

00:28:07 Sonia

Que elas se manifestassem. Então eu passamos a trabalhar com isso, levando a universidade até lá e trazendo eles pra universidade, né? Então eu passei a frequentar o que hoje chama conglomerado da Serra.

00:28:20 Sonia

Eu ia lá, meu pai de Santo era lá, eu IA toda semana pra lá. E ele passou a ser um dos gurus da gente dentro da universidade, o Miguel Ângelo. Então foi a primeira vez que eu, né?

00:28:32 Sonia

Né? Eu tive contato com a questão de negro, com a questão de favela, com tudo isso que não fazia parte. É da da minha história até aquele momento, né?

00:28:43 Sonia

Então, o primeiro contato foi muito divertido, porque era assim, tinha um seminário da universidade, da extensão da universidade. Depois esse soube que esse reitor, vice reitor de extensão, era um cara espírita, mas até aquele momento não sabia nada disso.

00:29:01 Sonia

Esse vice reitor promoveu um seminário sobre práticas curativas alternativas. Chamou esse povo todo porque ele era espírita e ele queria abrir universidade pra essa história. E eu fui.

00:29:14 Sonia

Aí eu estava chegando com uma amiga, encontrei com ela ali, eu falei, tudo bem e tal. Ela disse, não, eu não estou bem, eu estou muita dor de cabeça e tudo mais. Aí tinha um cara favelado ali e disse assim, Ah, está com dor de cabeça, quer que eu tire?

00:29:31 Sonia

E aí botou a mão, não sei o que lá tirou, tirou. Aí o outro falou, quer que eu ponha? Começaram a brincar com a gente e ela sentia isso, sei lá, porque ela sentia, se tirou, se pôs, aí eu me encantei.

00:29:42 Sonia

Depois assistia as palestras e nunca tinha. Então entrei pela área universitária, pela área acadêmica, né? Contracultural.

00:29:51 Sonia

E aí me me tive essa relação maravilhosa com.

00:29:57 Sonia

Eu conheço o pai de Santo que foi uma coisa, eu ia para lá. E se eu te contar esse caso então. Esse então, é arrepiante.

00:30:09 Mônica Francisco

Esse é o que a gente quer saber.

00:30:10 Sonia

Eu gostava muito do do Miguel e gostava. Eu gosto muito de Búzios, né? E ele jogava Búzios e então mais então eu ia lá com frequência para isso, mas também ia levar bolo no dia, fazer festa de aniversário da filha dele, essas coisas aí.

00:30:24 Sonia

Eu ia fazer concurso pra ser professora na Universidade Federal de Minas Gerais, né? E tinha é, a gente tinha poucos textos naquela época, né? Livros sobre as coisas, os pontos, aquela lista de pontos e tal.

00:30:38 Sonia

Éramos três candidatas, as três trabalhávamos no mesmo setor de psicologia social. E aí é, eu tinha que levar uns livros na casa de uma, trocar com ela os livros dela. Era o dia anterior ao concurso.

00:30:54 Sonia

A prova escrita, né? É prova escrita, né. Aí eu, antes de ir, fui lá para o pai de Santo e falei com ele assim, eu estou muito nervosa, nunca tomei calmante na minha vida e quero que você me acalme, arranje um jeito de eu ficar calma nesse negócio que eu estou agoniado, agitado, então não sei o que.

00:31:13 Sonia

Aí ele falou, como é que é o negócio? Aí eu contei toda a história, como é que funcionava a história? Ele falou, se você souber qual é o ponto.

00:31:20 Sonia

Que vai cair. Você fica tranquilo. Eu falei, claro que fico.

00:31:22 Sonia

Nossa, em vez de eu estudar, eu passei a tarde inteira a gente jogando Búzios e dizendo, esse

e aquele, esse é o mais provável, aquele e esse, esse é o mais provável, não sei quantos pontos. E a gente passou a tarde inteira, até que ele falou assim, é esse que vai cair. Aí eu fiquei furiosa porque era o que eu menos sabia e não tinha literatura aqui no Brasil sobre isso e eu não tinha acesso a.

00:31:48 Sonia

Francesca e tal, que estava começando, era um ponto, falou, vai cair, esse aí eu falei, não pode ser. Então aí eu fiquei muito brava, fiquei com raiva, comecei a xingar. Aí ele falou assim, senhora, não briga, não, não fica não, sabe porque duas coisas, uma você que decide e a outra, esse jogo é de carta marcada, você não vai passar mesmo em primeiro lugar, aí fomos para tal, você vai bater na casa da minha amiga, devolver os livros, contei tudo para ela e fomos para lá, então vamos lá na.

00:32:17 Sonia

Coisa vem a banca, senta ali, vem a secretária da universidade, paramentada com o saquinho, com os pontos não sei o que e tal, e passa para uma candidata, passa para outra candidata, ninguém quiser ir. Eu tirei o ponto, aí no que eu tirei o ponto não era o número que nós tínhamos na nossa lista. E aí é a minha amiga riu.

00:32:38 Sonia

Eu fiquei assim e tal. Depois, quando eles leram a lista deles, tinha número diferente, e era o pont. Eu que tirei.

00:32:46 Sonia

E também não foi o primeiro lugar. E aí minha amiga deu um ber na hora, assim que ficou nervosa, né? E aí o pessoal que que foi e tal, eu falei não, ela ficou um pouco nervosa por causa do ponto e tal.

00:32:55 Sonia

Falei, só falta para gente entrar na casa da ciência, dizer que eu passei um dia, passei jogando no terreiro e aí no terreiro. Aí eles não deixam entrar nunca mais nesse negócio, né?

00:33:05 Mônica Francisco

A sua chegada no Rio de Janeiro, a sua relação com o partido comunista, conta um pouquinho para gente sobre isso?

00:33:11 Sonia

Eu tinha. Tive assim, a minha relação urbana é com o Rio de Janeiro, porque os meus avós moravam em Ipanema. Então a gente morava na roça e metade do ano a gente vinha morar aqui.

00:33:23 Sonia

Aí meus avós, cansavam da gente, devolvia a gente depois que a gente vinha de novo e ficava assim, quando ele ficava com saudade, puxava a gente, quando enchia o saco deles também, que é criança, chateia, devolvia, né? E a gente ficava pra criar, esquizofrênico. Era bem bom entre a roça e a sociabilidade da roça e a de Ipanema.

00:33:44 Sonia

Então o Rio pra mim era a cidade, porque eu fui morar depois em Belo Horizonte. Eu já estava entrando na universidade com 17 anos, né?

00:33:52 Sonia

O Rio sempre foi. E aí depois eu é minha irmã, já estava morando aqui nessa, minha irmã mais próxima, e eu estava em dúvida, mas aí conheci um cara e resolvi vim atrás dele também daqui, um mineiro, mas que morava aqui e tal, pai da minha filha, não sei o que, e vim para cá e aqui eu me filio ao partido.

00:34:19 Sonia

Né? Eu já tinha proximidade com toda coisa política, mas com várias outras Correntes, né? APE tal.

00:34:26 Sonia

Mas aí eu me me filio ao ao Partido Comunista. Engraçado, porque eu fui encontrar com o capa preta do partido ali na Praia de Copacabana. É aquele que foi reitor depois da da UFRJ, que morreu, esqueci o nome dele agora, mas, enfim, era ele, era o capa preta, clandestino, não sei o que.

00:34:45 Sonia

E tal aí, bom.

00:34:47 Sonia

O que era a questão do partido, o partido tinha selecionado é um grupo de pessoas da intelectuais, tanto que estavam no setor público quanto que estava na universidade e que eles achavam que iam ter importância. É no partido, na conjuntura política brasileira, para fazer um curso específico, que era sobre o capital, lá em Moscou e eu.

00:35:16 Sonia

Quando eu estava namorando esse cara, antes de eu vim para cá, eu vinha eventualmente só para essas reuniões, mas eu lia O Capital lá sozinha, com as dificuldades que seja, e depois participava aqui desse desse grupo. Tinha pessoas em São Paulo, tinha eu que estava e tinha esse grupo aqui. Então, essa experiência do partido foi reunir um bando de intelectuais, né?

00:35:36 Sonia

E botar não dá para Moscou. Aí fomos para Moscou. Passei três meses lá na escola de quadros e não no curso regular.

00:35:45 Sonia

De quadros foi no curso, é, eu não devia ter ido porque eu tinha acabado de entrar nessa história do partido. Então ousadia da minha parte de me mandar pra pra pra Moscou. E eu acho que o meu companheiro, né?

00:36:00 Sonia

É jogou com a ideia de que a só vou se a Sonia for.

00:36:04 Sonia

Porque ele achava que eles não iam maluco de deixar eu ir, pois não é que deixaram aí? Ele teve que ir também, aí ele estava com medo. Sinceramente, hoje eu acho que a questão era essa.

00:36:17 Sonia

Aí fui parar, fizemos um curso que eu achei o melhor curso que eu fiz na minha vida, com um espanhol chamado mansília, que é discutindo no capital e foi uma experiência péssima para o partido.

00:36:32 Sonia

Vários voltaram totalmente anticomunistas, falando mal. A outra virou Hare Krishna e foi Brasil e eu fiquei comunista ferrenha. Então, quer dizer, a única grande investimento que eles fizeram foi ele, né?

00:36:46 Sonia

E depois é acabou que isso apareceu quando eu saí na lista do general frota, né? Que foi essa coisa do frota? Foi 78, eu acho, 79/78/79.

00:37:02 Sonia

Que no governo Geisel, né? O ministro do exército, né? É que era linha dura.

00:37:11 Sonia

Achou que o Geisel, com aquela história de democracia lenta, gradual e segura, né? Era um absurdo em que devia manter o fechamento, a repressão. E ele teve essa tensão entre, né, os mais abertos dentro de militares e os que não queria.

00:37:31 Sonia

Acabar com a ditadura? De jeito nenhum. E o general Frota, esse general fez uma lista de 100 e poucas 97 comunistas que estavam em posições importantes dentro do estado.

00:37:47 Sonia

Isso era para derrubar, era o golpe, era para derrubar o Geisel, né? E na verdade, o Geisel não me derrubou, não é? É?

00:37:57 Sonia

E ele, enfim, é.

00:37:59 Sonia

E a gente não foi morto por causa disso. Mas quando a lista foi publicada, é foi bem, bem difícil, porque tava lá minha meu nome, essa história de Moscou, tarara e tal. Então foi uma época, foi um momento assim, que eu podia ter sido assassinada e não sabia porque, né?

00:38:18 Sonia

Isso sem eles tivessem ganho. Eles perderam, tudo bem, né?

00:38:24 Sonia

Então foi essa assim a história com o partido e eu fiquei no partido durante bastante tempo. Até quando é, eles expulsaram a gente assim botaram a gente pra correr, porque na verdade o partido com a volta dos exilados, especialmente a volta do Prestes, o partido rachou na discussão dos pretistas e os não pretistas, né? E, nós da nossa base não éramos pretistas.

00:38:53 Sonia

E a base do sindicato dos médicos, que eram muito junta com a gente, porque o Cebes funcionava lá. Nós éramos da base dos Cebes e tinha a base do sindicato. Eles eram mais da linha pretistas.

00:39:05 Sonia

E aí houve decisões da direção do partido para eliminar os prestistas e nós fomos contra.

00:39:12 Sonia

Não sendo prestício dizer que tinha que ter discussão política no partido e não eliminar as pessoas. E aí fomos eliminado junto também por ser democrata demais pra aquele partido, foi eliminado junto. O lugar de militância.

00:39:27 Sonia

Nossa, foi o foi o Cebes, né? Que era o lugar que não era todo mundo do partido. Havia muitas pessoas que não eram, mas era o lugar que a minha base atuava na militância, né?

00:39:40 Sonia

E foi daí que a gente chega a formular o SUS. A oitava conferência, tudo isso foi a construção dentro do Cebes.

00:39:47 Mônica Francisco

E aí eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso, né? Da centralidade da sua figura nessa construção na oitava conferência.

00:39:56 Sonia

É antes da da oitava conferência, né? Do nos Cebs. A gente é os professores da medicina social no instituto de medicina social.

00:40:06 Sonia

Eu fui fazer lá o instituto, então também.

00:40:09 Sonia

Só que eles não davam diploma de mestre em medicina para quem não era médico. Então eu fiz só uma parte lá e fiz. Foi sociologia no IUPERJ na época.

00:40:19 Sonia

Mas a gente começou a minha forma.. meu meu trabalho na área de saúde. É, e foi engraçado porque o Arouca foi falar lá e a tese dele tinha Foucault em Marx, e o Arouca estava vindo de São Paulo para cá.

00:40:38 Sonia

E o Arouca é falou aquele negócio todo e eu meti da besta como sou. Eu olhei para ele e falei que não era nada daquilo, porque eu tinha estudado capital, porque P...P...P... saindo de lá. O Arouca falou, vem trabalhar comigo.

00:40:50 Sonia

E era aquela gracinha de pessoa que só agregava, né? Não tinha aí, na verdade, eu eu vim aqui na.

00:40:58 Sonia

Na INSPER na época, mas era estagiário, ganhava uma miséria e eu não podia sabe sustentar, não dava e finalmente eu fui pra FINEP que apoiava o programa aqui, então eu ganhava como burocracia estatal e trabalhava aqui e tava, resolvi todo o meu problema e militava no CEBS. Então aí começa a militância, o trabalho de pesquisa, né, que eu trabalhei na equipe do Arouca e a gente fez.

00:41:24 Sonia

O livro, o primeiro livro que nasceu e o Jaime que era Imprevidência social, então nós estávamos numa produção muito intensa na área de saúde coletiva e uma construção política, porque, por exemplo, esses professores do instituto de medicina social escreveram um documento que é a origem do SUS, mas que certamente esse documento, se não tiver sido.

00:41:45 Sonia

Assumido pelo CEBS, politicamente, teria ficado lá no instituto, depois morria ali. Mas aí a gente assume isso, discute uma parte, inclusive discutida lá na minha casa e tal.

00:41:57 Sonia

Refizemos algumas coisas e levamos isso para o Congresso. No simpósio de saúde da Câmara. Esse foi o primeiro que a gente assume politicamente.

00:42:08 Sonia

É uma proposta que depois virou o SUS, mas ali tava toda a construção.

00:42:14 Sonia

Né? e assim, o CEBS com os núcleos em todo o país, né? Articulou um montão de pessoas, formou um montão de gente. Então tinha uma base social de profissionais, numa base que não era popular, mas era de profissionais de saúde, que foi sempre o que defendeu ali, a construção do SUS.

00:42:37 Sonia

Mas isso já estava. Então, quando a gente vai para oitava conferência?

00:42:43 Sonia

É uma época assim que você está no final da ditadura, né? Aí aí a gente vai lá para o, gente. Tinha reunião do sedes toda segunda-feira, era no sindicato dos dos médicos.

00:42:56 Sonia

De vez em quando a polícia entrava, nós tínhamos, saía correndo, pegava o mimiógrafo, aquelas coisas que tinha escrito, saía correndo para casa de um, perdia a metade, perdemos um, negócio que nós tínhamos escrito lá sobre o enfim e às vezes estava cheio de.

00:43:10 Sonia

De pulga e a gente tinha que fazer a reunião com as pernas pra cima, porque ele era um negócio que estava imundo. Enfim, era assim que a gente ai trabalhar, né? E aí o é o último ministro da saúde aí da época da ditadura.

00:43:27 Sonia

Ele, havia uma tensão muito grande entre nós. Nós, eu estou falando esquerda da da área de saúde, movimento sanitário que chamava na época.

00:43:39 Sonia

Jocosamente resolveram nos chamar de partido sanitário e nós assumimos isso porque realmente nós nos comportávamos como, nós nos organizávamos. Nós tínhamos propostas comum e tudo mais. Aí acontece o seguinte, é, aqui na Fiocruz tinha esse programa Peses e Pepe, que foi a base acadêmica da história, tinha o CEBS, que era lá, e nós atuamos em tudo isso.

00:44:06 Sonia

Só que o pessoal todo fazia um montão de reivindicações, porque era todo mundo bolsista.

Aí fizeram reivindicações para ser contratados, aí a reivindicação foi um sucesso. Só que quando foi para ser contratado, tinha que voltar e as fichas para o SNI.

00:44:22 Sonia

E aí nós começamos a descobrir que todo mundo ali era de esquerda, porque um indicava o outro, o outro indicava o outro, mas ninguém sabia quem era o outro, entendeu? As pessoas não sabiam que um era do até do mesmo partido. Você não sabia quem era.

00:44:35 Sonia

Porque nós estávamos tudo na clandestinidade e quando começam a voltar as fichas, a gente descobre que aquilo era um bando de gente. E o presidente da Fiocruz resolveu que alguns tinham que ser eliminados assim era como é que ele chamava?

00:44:50 Sonia

Gildor, vasio, Gilda. Esqueci o nome, mas ele era pai do Eduardo Jorge, que foi candidato e tudo. E o como o Eric.

00:44:59 Sonia

Tinha sido o cara que é, levou o Eduardo Jorge para esquerda, ele queria esse, esse presidente da Fiocruz, queria que o Eric sumisse no mapa entre o Pellegrini, várias pessoas. Aí o Arouca faz a primeira reunião na clandestinidade, né? Do partido sanitário, não é do movimento, é do partido no sentido de como é que a gente se organizava, né?

00:45:22 Sonia

E acho que aí é o nosso tributo que a gente tem que pagar. É o partido comunista, porque nós sabíamos fazer organização.

00:45:28 Sonia

O que nós sabíamos fazer não era só era organização. Aí o Arouca faz uma primeira reunião, convidando todas as pessoas que tinham uma já uma presença dentro das instituições. Foi na casa dele.

00:45:43 Sonia

O Arouca morava na praça do Jockey, já tinha separado, estava na praça do Jockey. A reunião durou mais tempo para as pessoas conseguirem entrar na reunião, porque tinha que entrar.

00:45:54 Sonia

De 15 em 15 minutos não podia entrar em bando, porque senão o porteiro avisava a polícia política, né? Porque era assim, os porteiro todos tinham instruções de como... Aí demorou aquele tempo todo para a gente conseguir juntar todo mundo. E a questão que foi colocada é era, como que nós vamos fazer para não ter exilados na área de saúde coletiva por causa disso?

00:46:17 Sonia

Porque sanitarista só pode trabalhar no governo?

00:46:21 Sonia

E o governo tinha apertado e descoberto muita coisa, então as pessoas iam ter que ir embora do Brasil. Aí essa reunião foi no dia da na casa do Arouca, num dia e no dia seguinte na minha casa, porque também não podia ser dois dias de reunião com a polícia. Chegava antes, né?

00:46:37 Sonia

Aí nessa reunião estavam pessoas que tinham já professor da da USP, é, enfim, pessoas que tinham uma importância e tinham algum recurso na mão.

00:46:48 Sonia

Nós conseguimos manter todas essas pessoas que estavam perseguidas, sem é que elas tivessem que sair do país. Assim a vida delas virou inferno. Eu morava há tres meses em Montes Claros, dois meses prestando em consultoria em Brasília, depois ia para o Pias no nordeste, depois ia para São Paulo, para Campinas, onde tinha gente que tinha alguma recurso.

00:47:10 Sonia

A gente manteve todo mundo aqui, então a gente tinha uma organização realmente muito forte.

00:47:15 Sonia

Mas, quando chegou, na época da construção do SUS, nós estávamos já em posições estratégicas dentro do governo. A gente, o Arouca estava aqui na Fiocruz, né? Ainda tem a história do Arouca antes, mas agora já passei por ela.

00:47:31 Sonia

E o Arouca estava lá na presidência da Fiocruz e o édi cordeiro na no inamps, com equipes, todo mundo do movimento sanitário. Só que o INAMPS tinha uma perspectiva de não criar o SUS.

00:47:45 Sonia

Manter os SUDES, que era a relação da previdência social na área de saúde com os estados. E o nós queríamos criar o SUS no Ministério da saúde. Então nós rachamos, sabe?

00:47:58 Sonia

Aí a gente rachou e aí aí já não era mais clandestino. Aí já estava na fase hoteleira, a gente fazia reuniões no hotel Novo Mundo e tal nessa fase. Aí a gente vai para lá e começa uma discussão feroz.

00:48:12 Sonia

Até que alguém proponha, assim não vamos nos unir. Nós temos o projeto da reforma sanitária, que nós que nos une, nós temos diferença, não sei o que lá e tal. Aí alguém, o idiota levanta o dedo e pergunta, mas qual é exatamente o projeto?

00:48:25 Sonia

Aí o Arouca falou assim, isso nós não vamos discutir, sinal de racha de novo, e aí continuamos unidos assim, precariamente unidos, que era aquela coisa. Cultura do Arouca é muito importante em toda essa construção, e nós todos que éramos também.

00:48:40 Sonia

Não era ele sozinho, né? Nós éramos um movimento, mas a mulher do ministro, desse ministro do último lado da saúde, era nossa, ou seja, ela era do movimento sanitário. Ele era da ditadura, mas ela era do momento e ela mandava nele.

00:48:55 Sonia

Eu, que era muito importante, eu que era muito importante. A Fabíola até hoje é uma pessoa muito importante, então ela fala com, é...

00:49:07 Sonia

A primeira vez ela fala para ele chamar o Arouca no início, antes da conferência para vim. Então o Arouca já era uma figura, né, reconhecida intelectualmente, que dirigia esse instituto, não sei o que lá e tal. E aí a gente discute, olha só, um mês discutindo se o Arouca, aí eu não ia para reunião com aí.

00:49:30 Sonia

Discutimos na base do partido, discutimos, discutimos e chegamos à conclusão que ele devia ir.

00:49:36 Sonia

Tinha gente que era contra, dizia que a gente ia ser cooptado, estava legitimando a ditadura, aquela coisa toda, e depois levamos essa discussão porque ele era presidente dos CEBS que ele aí, né? Aí levamos e também ganhou essa posição que o próprio Arouca e eu defendíamos vários, né? O pessoal do partido defendia essa ideia, Arouca que aí dizer que ele tava indo, mas que ele não era ele.

00:49:59 Sonia

Ele era um movimento da sociedade, os cebs que tinha que ser reconhecido como movimento, um ator político P...P...P... tal.

00:50:06 Sonia

Então, depois de mundo de discussões, aqui a gente não tinha celular, não tinha nada, tinha

o fim de semana, todo mundo, cada um IA pra sua vida, aí o some, todo mundo na segunda-feira tinha as reuniões lá, né, chega na reunião e aí Arouca, todo mundo tensíssimo, não foi a reunião com o ministro, né? Primeiro encontro nosso governo da ditadura e tal. Aí o Arouca falou, não fui, aí o cara eu digo, não foi porque, ele falou não fui porque eu sonhei com o capeta e quando eu sonhei com o capeta, vai dar merda.

00:50:36 Sonia

E essa história é maravilhosa, porque o capeta era o estado da ditadura, né? E a possibilidade da merda era muito grande. Então sou eu ou capeta?

00:50:45 Sonia

Ele não. E é tão interessante que não houve ninguém que reclamasse disso, ou seja, A esquerda comunista. Quando falou do capeta, todo mundo achou que era justificativa mais que plausível, para alguém não ir no encontro com o capeta, né?

00:50:59 Sonia

Então não foi já nessa época da conferência?

00:51:04 Sonia

É, e as conferências até que eram conferências que de técnicos, técnicos do dos ministérios que eram chamados. Mas tava essa tensão entre INAMPS e passar ou não pro pro pro Ministério criar o não SUS. Aí esse ministro chama a Fabíola, mandou ele chamar o Arouca, o Arouca foi lá e tal.

00:51:27 Sonia

E ele falou, olha, se a gente for uma discussão técnica, o INAMPS tem dinheiro, tem poder. O Ministério não tinha nada.

00:51:34 Sonia

Né? Eles, nós vamos perder. Que que a gente faz, né?

00:51:38 Sonia

Aí o aru falou, não, a gente muda o formato da conferência, vamos botar 50% da sociedade civil e outros técnicos e aí a gente ganha e aí vamos chamar o sindicato, vamos chamar a igreja, vamos chamar não sei o que lá, PPP, pastoral.

00:51:54 Sonia

Aí o cara falou com ele e quem é que vai dirigir essa loucura? Falou, eu vou dirigir. Então foi assim, né?

00:52:00 Sonia

Já a gente já tinha a ideia construída da participação, da descentralização, tudo isso. A gente já vinha lutando com isso, mas aparecia oportunidades e a gente tinha uma figura que podia

encabeçar isso, né? E nessa época o CEBS já tava muito fraquinho e a brasco tava muito mais fortalecida.

00:52:20 Sonia

Então nessa época eu tava na vice presidência com Sebastião era presidente na vice presidência da Abrasco, né? E nós fizemos um documento na comissão de política da Abrasco que foi discutido no Brasil inteiro de preparação, chamado pelo direito universal à saúde. Esses documentos em foi discutido em tudo quanto é lugar.

00:52:42 Sonia

A gente tinha nas conferências regionais, a gente tinha discutido conferências assim.

00:52:47 Sonia

Pela primeira vez, a gente também se encontrando com uma base popular. Eu me lembro de eu ir falar em Recife. É, tem que parar no início da conferência, porque as pessoas não tinham dinheiro para transporte e não tinham dinheiro para comer.

00:53:01 Sonia

E os que estavam ali, delegados e tudo mais que que a gente ia fazer. Então passa um tempão levantando fundo, começando a discutir e tal que não era o estilo do movimento sanitário daquele momento. A gente era um movimento de profissionais.

00:53:14 Sonia

E aí se encontra com uma base impopular, o movimento popular da saúde, motos e tudo mais. E a gente passa a ter, né? Que falar meu, meu, minha fala era uma, já vinha da minha tese e tudo mais.

00:53:25 Sonia

Era muito teórico com relação à condição da cidadania, que foi a linha que eu assumi, desenvolvi teoricamente e tal, e as pessoas e fado e cidadania. As pessoas falam, como é que você vai falar? E quando eu chego em Recife, dentro daquela plateia que metade não tinha dente, e eu falei, tem que falar, Sônia.

00:53:44 Sonia

Tem que falar do jeito que as pessoas é, falam e falei, foi um sucesso e tudo mais, entendeu? Então a gente passou também a aprender a fazer política. É que não fosse pra profissionais, intelectuais, né?

00:53:56 Sonia

Fazer política com com o povo e tudo mais. Então quando foi na, ele falava no segundo dia da conferência, né? Arouca, o que eu fiz naquele discurso histórico no primeiro dia?

00:54:12 Sonia

Mas, ele não podia bater, porque ele era o presidente da conferência, assim não podia bater e eu podia. Então de noite nós saímos, a direção da da Abrasco, que era o Sebastião, eu e o Paulo Buss, pra que .. eu vou falar, né? Como é que eu vou falar lá?

00:54:27 Sonia

E aí é o Paulo dizer, não fala aquela coisa sua, essa construção. Eu falei, não vou falar nada disso, eu vou fazer política. Eu dava pra bater e fazer política e tal.

00:54:38 Sonia

E aí realmente foi um, momento muito forte na minha vida, porque.

00:54:43 Sonia

E eram 5000 pessoas praticamente, né? E as pessoas começaram a levantar, levantar e aquele estádio inteiro me aplaudindo. Foi meus 15 minutos de glória que cada um tem direito na vida.

00:54:54 Sonia

Em algum momento os meus foram ali, né? Foi muito impactante e deu uma força assim também, né? Mas éramos nós, éramos quadros, né?

00:55:03 Sonia

Sempre fomos, então cada um fazia ali o seu, o seu papel, o que tinha que fazer, enfim, tinha outras pessoas, outras mesas, outros que estavam no público.

00:55:12 Sonia

A gente fazia junto, né? Essa construção é coletiva. Ela para ter um liderança, claro que tinha, mas assim, é uma construção muito, muito coletivizada.

00:55:22 Sonia

E eu participava dela também, tinha uma posição ali dentro, né? Muito respeitada de produção teórica e de militância, mesmo política, mesmo militância e militância.

00:55:32 Mônica Francisco

Essa sua relação com o coletivo é muito presente, muito evidente. Como é que você percebe a vida a partir da?

00:55:42 Mônica Francisco

Dessas novas relações sociais que você foi construindo, Sônia, em cada lugar que você foi passando, né? Como é que? Como é que você se percebe nesse lugar, dessa coletividade, dessa força, dessa assertividade, dessa proatividade, mas com muito afeto?

00:56:00 Sonia

É, eu. Eu sou canceriana, né? Então eu gosto de casa comida, né?

00:56:05 Sonia

Com ascendente em câncer. Então pra mim é faz parte. Eu acho que tem uma coisa de comunhão.

00:56:11 Sonia

Não é o símbolo da igreja católica. A ideia de você comungar. Eu acho que comer junto, beber junto também são formas de de de coletivizar o afeto de especialmente você está em casa também, então eu gosto de levar as pessoas pra pra minha casa.

00:56:30 Sonia

E foram vários grupos que eu fui formando, seja de alunos, de pesquisadores comigo, criei o noops aqui, não é? Então foi, foi agora, agora o.

00:56:41 Sonia

O dicionário é sempre nessa mesma ideia de uma coisa coletivizada é, eu sou muito é assertiva para dizer, porque eu não sou autoritária, eu acho, mas sou mandona e gosto disso, de fazer as pessoas. É, mas assim não é mandar para diminuir as pessoas. Eu sou, eu puxo as pessoas comigo.

00:57:09 Sonia

Eu acho que todo mundo pode sim ir para muito melhor. E não tem ninguém que trabalhou comigo, que andou para trás, até porque eu não deixo, faço igual a minha mãe, empurra para frente, que a gente segura, entendeu? Seja segurar em questões é afetivas, seja em questões financeiras, seja em questões intelectuais, a gente, pessoas que ficaram com problemas mentais, seja o que for, a gente sempre tá tá junto, né?

00:57:36 Sonia

É porque eu acho que é isso. Ninguém vive sozinho, ninguém produz sozinho e a forma eu trabalho, eu produzo muito mais é quando estou junto. Até sinto falta de dar aula por causa disso, porque quando eu dava aula eu criava muito.

00:57:51 Sonia

Eu gostava do quadro negro sem ficar no diálogo, eu vou, eu ia criando mais do que eu acho que a só sentada, lendo. Não sou um intelectual daqueles que.

00:58:03 Sonia

Senta e lê, fica a madrugada toda vendo sozinho e gosta de ficar, né? Tipo a maioria dos intelectuais. Eu não gosto de assistir novela.

00:58:10 Sonia

Quando chega seis horas da tarde eu paro esses negócio todo e vou assistir. Pode ser a mais estúpido do mundo, mas vou parar de fazer isso ou ver bobagem. Vou cozinhar, vou trazer

pão, fazer bolo, cozinhar, fazer comida para os outros.

00:58:23 Sonia

Eu gosto disso.

00:58:24 Sonia

Gosta de fazer faxina na casa dos outros, já fiz ... Então acho que faz parte da da vivência, né? Pra mim, essa, é essa ideia do intelectual como sendo só a cabeça, né?

00:58:40 Sonia

Que o que o é o Frei Boff, né? Que falava que aqui se educa as pessoas pra ser anjo Barroco, que não tem braço, não sabe fazer nada.

00:58:48 Sonia

Isso pra mim é um total absurdo. Eu acho que as pessoas assim eu criei minha filha, que desde pequena cozinhava comigo, hoje minhas netas de 8 anos de idade, faz panqueca pra Vovó e tal, ou seja, faz parte da da vida, né? Da de forma de viver você assumir essas tarefas do cotidiano e fazer de uma forma coletiva.

00:59:10 Sonia

Acho que eu fui criada assim e crio assim é.

00:59:14 Sonia

Se você pensar que a pessoa é uma cabeça só, eu acho que isso aí é um é amputar, né você?

00:59:24 Mônica Francisco

Contou pra gente dessa experiência de contato com a favela, isso em Belo Horizonte, ainda lá e aqui no Rio de Janeiro. Como é que foi essa experiência do contato com a favela?

00:59:36 Sonia

Aqui, por exemplo, eu trabalhei, né, toda essa construção do SUS.

00:59:42 Sonia

Que teve momentos, como eu te disse, de contato com movimentos populares, mas não era o principal, não é? Foi muito de profissional, o trabalho e institucional. Quer dizer, eu nunca trabalhei tanto em instituições assim, no sentido de nunca quis ir para Ministério nem nada na constituinte.

01:00:00 Sonia

Na assembleia nacional constituinte eu fui. É assessora do senador Almir Gabriel, que é que era relator da seguridade social..

01:00:11 Sonia

Então, nesse nesse sentido, a gente escreveu parte da Constituição. Eu conheço coisas que foram escritas na varanda da minha casa, não é?

01:00:23 Sonia

E que depois mudava lá no debate e tal. Mas a gente participou do criar uma institucionalidade, o direito, o direito a proteção social. Eu consegui introduzir a área de assistência social, que não tava, não era pensada a forma de organizar a assembleia constituinte era.

01:00:41 Sonia

De seguridade social, seguridade social era uma subcomissão de saúde, uma subcomissão é de previdência. E aí eu falei com o Almir Gabriel, Almir, não existe isso no mundo, você tem que botar assistência dentro disso. A assistência faz parte da construção da seguridade social e era muito uma visão do que eu estudei, trabalhei a vida inteira, mas a gente trabalhei fazendo política, né? Brigando com com essa coisa e tal.

01:01:10 Sonia

E o amigo disse.

01:01:11 Sonia

Esse negócio não disse assistência, não dá nem para definir isso. A gente brigava, brigava ele era um dia, ele cansou e falou assim, se você conseguir definir, eu ponho, tá? Mas ele tava certo que punha e saía no dia seguinte, quer dizer, a gente escrevia um relatório ali, no dia seguinte vinha outro grupo de pressão e mudava tudo e tudo mais.

01:01:28 Sonia

Aí eu já tinha contatos com o pessoal da assistência social, né? Porque Oo conselho federal de assistência social já era um conselho ativo na luta.

01:01:39 Sonia

Pela democracia e tudo mais. E aí eu já trabalhei, tinha trabalhado com eles, e aí eu consegui meter assistência e aí o movimento veio, sem saber porque eles não tinham proposta. Eles copiaram tudo do SUS, tanto que na Constituição você vai ver, não tem é uma cópia do SUS porque e conseguiram ficar, porque aí veio o movimento, não era eu, eu abri a porta.

01:02:03 Sonia

E eles arrombaram a porta e conseguiram colocar lá. Então, e é incrível, porque a assistência a área que tinha menos projeto institucional, foi a área que mais se institucionalizou e cresceu com uma riqueza própria. Eu acho fantástico.

01:02:20 Sonia

Então eu tava nessa coisa, mas num dado momento eu comecei a cansar de estar criando institucionalidade.

01:02:29 Sonia

Do ponto de vista da minha perspectiva teórica e política, que era a questão da cidadania, e eu dizia, desse jeito, eu não estou construindo cidadania. Eu construo direito, mas ele não se exerce. Onde é que precisa de ter chegar?

01:02:44 Sonia

Nas pessoas que podem exigir esse direito. E aí quando eu tava com essa questão existencial política, na minha vida pessoal, nem era com grupo nenhum, nem nada. Quando eu.

01:02:57 Sonia

Eu comecei a fazer pesquisa em favelas para me aproximar mesmo do que tava acontecendo com com cidadãos, né? E aí fizemos pesquisas de, por exemplo, fizemos uma pesquisa que era é grupos focais nas favelas, onde tava tendo favela, bairro. Aí fizemos com mulheres, fizemos com jovens e tudo mais, então.

01:03:27 Sonia

Eu fui para Vigário Geral pela primeira vez e fiquei impactada pelos discursos dos jovens, as questões, entendeu? Como você tentar traduzir as questões teóricas para uma discussão junto com os jovens. Então isso era um esforço legal de a gente fazer, entendeu?

01:03:45 Sonia

Eu não podia chegar perto dele e perguntar o que que era cidadania, como é que eles achavam que era? Não é nada, mas a gente perguntava, bom, quem? Quem se sente cidadão?

01:03:55 Sonia

Né, tem segurança, tem direito, ele projeta a sua vida. Então, o que a gente perguntava para pessoa assim, como é que você se vê daqui a 10 anos? Isso era o indicador de cidadania, se ele era capaz de se projetar no futuro ou não, entendeu?

01:04:09 Sonia

Então era um desafio interessante que a gente e aí nós fizemos esse trabalho em várias favelas. Eu tava na EBAPE, na fundação Getúlio Vargas, depois é, nós fizemos junto com o crioula.

01:04:25 Sonia

É um trabalho de de junto com mulheres, é mães de santo e tudo mais que eram encaminhavam pessoas pro serviço de saúde. No fim das contas, elas eram uma mediação entre a população e os serviços de saúde. E a gente fez um curso com elas.

01:04:47 Sonia

Fizemos um e a gente depois fizemos uma pesquisa sobre discriminação em saúde.

01:04:54 Sonia

Quem, quem é discriminado? Enfim, a gente sabe quem é. Então a gente estava chegando sempre.

01:04:59 Sonia

Então os meninos foram para os hospitais, ficaram nas emergências para ver como eles recebiam um travesti, como recebiam uma mulher negra, como recebiam e ficavam fazendo observação. Depois nós entrevistamos as pessoas e aí você você percebia o seguinte, o tema da discriminação ele não, não entra na no discurso da gestão.

01:05:23 Sonia

Né? A gestão era que falava como, se a discriminação é, nós não temos recurso, não é discriminação, nós não temos recurso, então nós não podemos atender as pessoas. Então é, é essa.

01:05:35 Sonia

A gente fica mais ou menos o que a gente ouviu na reunião de hoje, né, que não é capaz de formular politicamente, né? Uma análise de porque que as coisas não funcionam.

01:05:47 Sonia

E foi isso que a gente percebeu, né? Mas a gente percebeu e a gente fez um texto que é bem bonito, né? Colocar o seguinte, o contra direito à saúde.

01:05:56 Sonia

Enfim, eu criei o direito à saúde, criei, participei dessa criação, mas depois, No No andar da carruagem, o que a gente via era a peregrinação como contra direito à saúde.

01:06:07 Sonia

Então nós identificamos isso. Quer dizer, esse era Oo marcador do encontro, do jeito da saúde, a pessoa chega, diz não aqui não tem ortopedista, vai para o não sei aonde, aí a pessoa que tem que se virar para ir para gastar dinheiro para isso, para aquilo. E fizemos aí era uma também uma experimentação muito bonita de pesquisa, porque como as pessoas não podem falar da discriminação, nem mesmo os que são discriminados, ele não falam, porque acho que é viver aquele sofrimento duas vezes.

01:06:35 Sonia

Então falam, se você conhece alguém que foi discriminado, aí falam de alguma experiência, mas nunca falam o próprio. A gestor não fala da discriminação. O que sofreu discriminação?

01:06:46 Sonia

Não fala da discriminação. Aí eu chamei o teatro oprimido para fazer uma reunião com a gente e fazer uma oficina de teatro. E nós chamamos estudantes de medicina, de farmácia, de psicologia, todos que trabalhavam em hospital, que já estavam internos.

01:07:04 Sonia

Da gente viver situações de discriminação, teatrais. Menina, foi uma loucura. Aí sim, aí sim, na emoção, saiu tudo.

01:07:12 Sonia

Só que nós filmamos e saiu péssima filmagem. Nós não podíamos usar, mas a gente começou a experimentar isso e trabalhar essa questão de chegar perto da população através do caminho da pesquisa. Quando teve a UPP, né?

01:07:28 Sonia

Ficou mais fácil de ir até as favelas.

01:07:31 Sonia

E subia a favela, pá, pá, pá e tal. E aí eu formulei essa ideia de uma pesquisa sobre a UPP. Como todo mundo, todo mundo estudou a UPP nesse país.

01:07:39 Sonia

E eu também, né? E aí fomos fazer em algumas favelas, assistimos aquelas assembleias, entrevistamos pessoas, formei um grupo de pesquisadores e tudo mais. E nesse momento eu percebo, vindo da área de saúde, da área de política, social e tal.

01:07:59 Sonia

Assim, a fragmentação enorme do conhecimento nessa área. Eu queria me apropriar da história das favelas. Aí, se você não entra por onde, pela etnografia, os antropólogos, pelo problema urbano, pela história, pelo não sei o que, cada um tá num canto, né?

01:08:16 Sonia

Era muito desfragmentado e ao mesmo tempo, eu, quando comecei a assistir essas assembleias, eu via lideranças das favelas construindo um discurso político super potente.

01:08:29 Sonia

Analítico e que também não aparecia nas nos textos acadêmicos, não sem teses que ficam ali. Depois entrevistou, acabou. Aí eu falei, eu vou juntar isso tudo.

01:08:40 Sonia

Aí fizemos um Seminário Favela é Cidade, onde que tem esse filme que está no na plataforma, né, que a gente fez depois. E eu aí me juntei, as pessoas que o Machado, a Marcela, pessoas que eram especialistas dessa área, coisa que eu não era.

01:08:59 Sonia

E aí eu falei, vamos fazer um dicionário de favelas, não sei o que e tal. E eu ainda pensava, a gente faz primeiro ele físico, depois a gente faz ele uma plataforma. Não nem sabia quem era

plataforma fazer qualquer coisa, sei lá aí, mas nem falei essa parte, porque só de falar de fazer um dicionário de favela, eles todos me broxaram total, disseram que aquilo não tinha a menor possibilidade.

01:09:24 Sonia

Aí eu fiquei enfiei minha viola no saco e tal, fiquei meio assim.

01:09:28 Sonia

Se as pessoas que entendiam disso achavam que era impossível, eu que não era da área, como é que eu ia fazer um negócio desse? Mas não desisti, não. Aí um dia eu encontrei o Marcelo, que estudava lá na onde eu dava aula, né, no EBAPE, e era da área de TI.

01:09:41 Sonia

E aí conversando com o Marcelo, porque eu chamei ele para fazer uma disciplina minha e tal, que eu fui da banca dele depois de de teto. Aí falei, contei a história e ele falou, Sônia, é muito mais fácil fazer isso numa plataforma do que fazer físico.

01:09:55 Sonia

Aí eu falei, é, então você convence essas pessoas. Chamei aquele grupo todo dos especialistas de novo lá, né? O Marcelo foi lá, falou e eles acharam maravilhosos a ideia.

01:10:03 Sonia

Eu falei, Machado, eu vou te matar, porque eu falei tudo isso. Eles debocharam e me acharam que isso era inviável. Agora vem esse cara aqui só porque ele é de TI, fala que dá para fazer, vocês estão deslumbrados com a ideia, mas aí aí nos juntamos, ler todos eles tinham, é.

01:10:19 Sonia

Credibilidade, coisa na área, coisa que eu não era na área eu não poderia ter para ter o poder de convocatória, né? Por exemplo, da Cleonice, do Alan, é de várias outras pessoas, tanto especialistas quanto lideranças de favela, Itamar e tudo mais. Para alguns deles eu conhecia, mas eu não era uma pessoa que pudesse ter esse poder de convocatória.

01:10:40 Sonia

Eu falei, não, vamos fazer e vamos fazer um conselho como metade.

01:10:44 Sonia

dNé? Paritário metade de lideranças intelectuais de favelas e metade de especialistas que estudam isso, né? E aí aí surge o Dicionário e vai que vai que estamos cinco anos aqui?

01:10:57 Mônica Francisco

Como é que você percebe a sua vida hoje a partir dessa nova conjuntura, sua chegada de volta aqui na Fiocruz?

01:11:05 Sonia

Cada vez mais, menos assim, institucionalizada, embora esteja aqui, né?

01:11:11 Sonia

Mas, por exemplo, no primeiro governo Lula, eu fui membro do conselho de desenvolvimento econômico social. Foi uma experiência inusitada na minha vida, né? Porque é, eu realmente não esperava isso.

01:11:26 Sonia

E eu é, tive contato com o empresariado, a burguesia, até entender uma realidade que eu não vivia, né? Entender como é que tinha fissuras ali, como é que você podia?

01:11:40 Sonia

É se organizar, né? Nós criamos o conselhinho. O conselhinho era chamava o conselhão, né?

01:11:48 Sonia

Aí nós o conselhinho era a esquerda e a gente se reunia. Antes você imaginar, a gente se reunia antes, a gente fazia coisa igual movimento estudantil.

01:11:57 Sonia

A gente, todo mundo se inscrevia pra falar, independente do tema que fosse, pra poder, ninguém, poder. E quando a gente via que a que a secretária estava querendo passar alguém na nossa frente, de algum empresário, ele tinha lá e falava, olha, eu fiz, eu fiz política a vida inteira, você não me tira daqui não, que eu tô vendo. Então isso foi uma experiência riquíssima na minha vida, riquíssima pro outro lado, pra compreender como que a sociedade na elite.

01:12:21 Sonia

Seja ela a elite, incluindo o sindical, o que seja, como se raciocina, como se organiza, como e a gente fez um trabalho bonito lá. E eu me articulei muito com a as organizações sociais, né? As organizações sociais, ONGs, que eu tinha participado do IBASE durante muitos anos da minha vida.

01:12:40 Sonia

Mas muitas organizações tinham muito preconceito com o intelectual, né? O pessoal era de ativista.

01:12:48 Sonia

E não, e os intelectuais não são. Então aí houve uma sinergia também muito boa. Então isso foi uma época boa.

01:12:54 Sonia

A volta pra cá depois de ter é tido sido demitida lá da FGV, é, foi uma coisa boa, né? Porque eu salvei o Dicionário e eu não pensava em voltar pra pra saúde, porque isso também, a saúde é muito demandante.

01:13:18 Sonia

É muito organizada, é muito, produz muito, né? Ocupa espaços adoidados e tudo mais, mas te demanda muito, demanda falar aqui, demanda escrever ali, publicar ali. Então eu falei, como é que eu vou dedicar ao Dicionário, fazer mais essa, essa coisa é e vou também ficar na saúde, porque tá aqui, não quer dizer para estar no Dicionário só, eu tô no CE, eu tenho duas equipes de pesquisa enormes, né?

01:13:46 Sonia

Né, que estão saindo 2 livros agora, sair aqui no Brasil também, um sobre federalismo, outro sobre proteção social. Então eu via isso como um custo adicional. Eu vou, eu vou pra lá, pra Fiocruz, mas aí eu tô presa de novo nesse circuito.

01:14:01 Sonia

Pra mim é como questão é ,de vida minha e de como intelectual. É tudo a mesma coisa, porque eu tô minha. Minha questão não é a saúde, é a democracia.

01:14:15 Sonia

Então, se num dado momento a construção da democracia passou e passou realmente pela saúde, porque hoje todo mundo reconhece que o SUS aí pá, pá, pá, pá, pá, pá e tal, e na época a gente só que reconhecia que a saúde era o lugar.

01:14:30 Sonia

No qual podia incidir sobre a democracia, construindo uma nova institucionalidade do que era o público e tudo mais. E nós fomos muito bem sucedidos nessa loucura que era um desvario naquela época ditadura. A gente fala, vamos construir um sistema participativo de centralizar público.

01:14:45 Sonia

Parará era total, né? É loucura. E depois eu achei que passava pela questão urbana, mais recentemente que a democracia tinha que encarar esse problema que.

01:14:59 Sonia

É que que tem a ver com raça, tem a ver com mulher, tem a ver com exclusão, tem a ver outras coisas também que estão ligadas aí. Isso que eu quero incorporar, por exemplo, a questão é de transporte, que eu acho que é crucial no sofrimento das dos trabalhadores, enfim, né? Dos dos jovens, dos coletivos, que me deslumbrei muito vendo essa, essa atuação dessas pessoas.

01:15:21 Sonia

Então agora eu é estou com eu sempre trabalhei só com gente jovem, muito mais jovem que eu.

01:15:29 Sonia

Então, não é uma novidade para mim. Talvez a novidade seja trabalhar com tantas pessoas de periferia, não é tantas pessoas negras, sendo que o meu grupo, meus grupos sempre foram grupos de formar gente, de de estar em contato, me rejuvenesce, né? Eu gostei de ver a diferença.

01:15:48 Sonia

Eu gosto disso, eu não me não me não me incomoda a diferença, ao contrário, eu gosto dessa, dessa ideia, mas assim.

01:15:57 Sonia

Também tenho sentido falta de voltar a trabalhar mais é dentro da favela, porque fica uma administração aqui desse negócio, né? Tive pensando muito nisso nos últimos dias e porque mesmo indiretamente, eu acho que a gente consegue. Porque, por exemplo, quando a gente foi fazer análise do discurso e tomou um Papo na Laje.

01:16:20 Sonia

Como discurso, é um contato forte com uma juventude que tá refletindo sobre si mesma. E, eu fiquei absolutamente fascinada por aquelas pessoas, por aqueles discursos e tudo mais, né? Então, indiretamente, a gente chega lá e quando tá no território mesmo, você vê outras coisas, vê com outro olhar, né?

01:16:40 Sonia

Eu tava no, na análise de conjuntura dos CEBS na segunda-feira, e eu coloquei uma pauta aqui, eu acho que.

01:16:49 Sonia

É muito importante da gente é trabalhar. Ela. Hoje, por exemplo, o SUS é um projeto que era o projeto da esquerda, que é o universalismo.

01:16:58 Sonia

Nós vamos criar um país, né, no qual as pessoas têm direitos iguais, é universal e tudo mais. E agora nós estamos diante, né? De lutas identitárias, de grupos.

01:17:12 Sonia

Em que medida essas coisas podem se combinar, em que medida elas se estressam, né?

01:17:19 Sonia

Já há algum tempo eu tenho escrito teoricamente sobre isso. Tem um texto que eu chamo a expansão da cidadania, mostrando que a expansão da cidadania tem se dado através desses

grupos, né? Eles são mulheres, negros, gays, não sei o que lá e tal.

01:17:32 Sonia

Não é a base que criou a ideia da cidadania, que do estado de bem-estar social, que era classe operária homogênea, masculina e tudo mais. Então essa questão é uma questão que me pesa teoricamente.

01:17:47 Sonia

A pensar, como é que lidar com isso? Eu lembrei que você perguntou do IBGE, a gente foi antes do IBGE, a gente foi lá naquele museu das favelas também e tudo mais. É.

01:17:59 Sonia

Há uma radicalidade em alguns desses movimentos é que nos excluem, porque eu vou poder falar de favela em algum momento? É, se eu não sou favelada, nem negra, nem nada disso, ou está proibido que eu fale sobre isso?

01:18:17 Sonia

Essa questão está se colocando muito fortemente nas conferências, na conferência de saúde mental, o Paulo Amarante, que é a figura emblemática da luta Antimanicomial No Brasil, foi falar e uma mulher levantou, pegou o microfone e disse, eu não vim aqui para ver um homem branco, psiquiatra, falando, interditou o discurso da pessoa que é mais importante da reforma, psiquiatra. Então, isso está acontecendo e eu cheguei a sentir.

01:18:45 Sonia

Em alguns momentos, esse tipo de rejeição a uma mulher intelectual, branca. Diante desse contexto, como é que eu vou falar de favela, né? É.

01:18:58 Sonia

Então, acho que essa questão é uma questão que pode ser combinada, mas exige um esforço teórico e político nosso de combinar essas duas coisas, porque abrir mão do universalismo é segmentar de novo, né? E acho que nossa grande.

01:19:14 Sonia

O avanço foi o universalismo, mas também o universalismo, que não conseguiu incluir todo mundo, também não, não é, não é suficiente. Então vem essas lutas das pessoas que se sentiram excluídas mesmo no universalismo. Eu escrevi até sobre isso no texto do outras palavras, porque na conferência na 17ª conferência, tinha uma mulher trans que disse que era um absurdo falar de igualdade na Constituição e na lei da.

01:19:42 Sonia

Da saúde, lei orgânica que tinha que falar de equidade porque as pessoas não são iguais? Olha, é claro que não são iguais. A igualdade é um construto político, não tem na natureza nada igual, as pessoas não são iguais, ninguém é igual mesmo.

01:19:55 Sonia

Mas você, a equidade não é um caminho para chegar na igualdade, ela não é o fim em si mesma, entendeu? Mas assim, os os movimentos mais aguerridos às vezes tomam a igualdade como alguma coisa ruim.

01:20:10 Sonia

Eu acho que nós estamos vivendo esse esse impasse e às vezes isso também é é colocado pessoalmente, né, nos nos colocando diante e disso. Então no IBGE, eu acho que foi um avanço enorme, né? Acho que é tem a ver com essa conjuntura política que permite que grupos que há muito tempo pensavam isso, mas que não tinham essa.

01:20:39 Sonia

Possibilidade de criar esse espaço institucional, que foi um espaço muito plural, né? Chamando acadêmicos, chamando movimentos de favelas, de vários grupos pra discutirem junto e trabalhando essa ideia desse conceito que terminou sendo o de favelas e comunidades, porque eles fizeram uma pesquisa também. E a pesquisa indicou que na maior parte do Brasil o termo é comunidade, não é a favela na grande maioria.

01:21:07 Sonia

Então usaram isso.

01:21:09 Sonia

E nós acho que conseguimos ali avançar no sentido de tirar o conteúdo negativo, que isso? Essa forma de criar esse dado a partir de um conceito de negativado não é. É um era uma forma de discriminação muito forte.

01:21:28 Sonia

E as palestras que eu assisti ali, talvez o que mais me me me chamou atenção foi de um defensor público de Recife, nesse seminário lá que eu estava.

01:21:38 Sonia

Do IBGE, né? Mostrando como que os juízes tomavam decisões em função deste conceito preconceituoso que cujo único fundamento é a propriedade, não é e tudo mais. Então acho que é é um avanço que não sei como que nós vamos conseguir levá-lo adiante nas políticas públicas.

01:21:58 Sonia

Mas ele abre um caminho, né? Que consolida uma luta de muita gente, de vários grupos, e acho que é extremamente. É importante isso.

01:22:08 Sonia

Então, acho que a uma conjuntura favorável. Acho que nós temos pessoas, é lideranças de

favela que estão ocupando posições no governo e se criou todo um sistema participativo novo nesse governo. Eu tenho muito temor do que que isso tudo vai representar.

01:22:33 Sonia

Eu estou observando.

01:22:36 Sonia

Porque no primeiro governo Lula, mais da metade dos ministros eram todos sindicalistas, né? E os sindicatos, que já estavam perdendo força historicamente pelas transformações na produção e tudo mais. Mas ali eles é, foram calabocados, eles ficaram prisioneiros daquilo.

01:23:00 Sonia

Ali a gente estava lá, a gente discutia, a gente participava.

01:23:04 Sonia

E tudo mais. Mas é claro que a estrutura de poder ali, a gente tinha três minutos para falar cada um, tudo bem, mas a hora que a gente ia embora, tomar um chopp, conversar papa..., por mais à esquerda, o que seja, os empresários saíam para dentro do Palácio junto com o Lula e fazia o lobby deles, fazia no Congresso, fazia junto ao presidente. Então, a assimetria de poder é enorme e é o que a gente.

01:23:28 Sonia

Do meu ponto de vista, podia fazer melhor ali. É ser incisivo e crítico, mas os sindicatos queriam me pegar lá porque eu tava fazendo crítica a qualquer coisa do governo que ele que eu fizesse, né? E vinha e dizia mais, o que que é isso, Sonia?

01:23:41 Sonia

Não sei o que lá e reclamava, eu tenho um temor de que isso esteja acontecendo com os movimentos sociais de favela, né? Que pela primeira vez estão tendo uma projeção no a estrutura de poder. Mas é uma projeção.

01:23:56 Sonia

Que pode ser importante se eles conseguirem fazer avançar, mas pode ser uma forma de cooptação e de redução do poder de contestação e o poder de fazer avançar a sociedade brasileira. Então eu tenho um temor, acho que os movimentos devem ficar alerta em relação a isso, porque é uma história, a gente já viu como é que acontece e enfim, né? Aí você perguntou depois sobre.

01:24:20 Mônica Francisco

Sobre essa esse novo conceito da de favela, né, essa construção da discussão, fruto da discussão com o IBGE, e como é que você vê a favela hoje?

01:24:29 Sonia

Como eu vejo a favela hoje.

01:24:30 Mônica Francisco

Que que é a favela pra você? Como você vê a favela?

01:24:35 Sonia

Hoje eu vejo como um espaço é de insurgência muito grande, né, que se manifesta na música, na dança.

01:24:47 Sonia

É nos corpos, se manifesta contra culturalmente, o que eu acho extremamente importante, que eu acho que passa por aí agora também, é um espaço de insegurança enorme, né? Eu acho que as pessoas e se a cidadania quer dizer que as pessoas têm direito e, portanto, elas se sentem protegidos e, portanto, elas têm uma segurança social que é isso. A ideia de seguridade social é na favela, elas não têm.

01:25:12 Sonia

Tem segurança diante do estado, da polícia, do do traficante, da milícia, do que vai ser o futuro do filho? Então é um, é um. Isso faz com que as pessoas é também se sintam muito fragilizadas e muito prisioneiras de quem oferece uma alternativa, às vezes muito fácil de comprar, como os os neopentecostais, que acabam sendo um apoio grande também para.

01:25:40 Sonia

As pessoas ali porque elas precisam desse apoio. Mas um apoio que cobra um conservadorismo, uma posição, é de conservador pra direita. Não é de pessoas que não necessariamente estão procurando isso.

01:25:51 Sonia

Elas estão procurando uma segurança, um apoio, um acolhimento que o estado não dá, né? Que o estado não dá. Então acho que as políticas eu falo muito das minhas coisas, que o estado é precisaria.

01:26:06 Sonia

Primeiro, entender que comunicação não é publicidade. Você fala que o estado está comunicando, enche de publicidade o que que fizeram, o que que não fizeram? Isso quer dizer nada para as pessoas.

01:26:16 Sonia

As comunicação é dialógica, é ouvir as pessoas, saber as demandas dela, falar a linguagem delas. Deve ser um jeito que eu tenho trabalhado e elaborado de estado pedagógico. Eu acho que qualquer contato com o estado deveria ser pedagógico, não no sentido de ensinar, no sentido de ouvir e trocar, e não é.

01:26:36 Sonia

A pessoa hoje, assim, uma coisa que mais me chama atenção, meu contato do cidadão popular, favelado, de como o estado é a fala, é de se sentir humilhado. Pra mim esse é o conceito que tá meio, sabe? Me tocando assim, zunindo no meu ouvido o tempo inteiro.

01:26:58 Sonia

Se houve a pessoa, fui na área de saúde, é, não tinha nem luz, não sei o que lá. Eu fui humilhado, quer dizer?

01:27:06 Sonia

Vai para creche, está caindo aos pedaços, não consegue, fica na fila para conseguir assistência social. Uma humilhação mesmo. As pessoas ficam naquela fila horrorosa de madrugada, sujeita a qualquer coisa.

01:27:18 Sonia

Aí isso a senha acabou. Quer dizer, isso não podia acontecer. Qualquer lugar desse tinha que ser um lugar de acolhimento.

01:27:27 Sonia

Se nós não fazemos isso, vão fazer outras pessoas, vai fazer o traficante, vai fazer o pastor, vai fazer qualquer outra pessoa, porque nós que estamos no estado que estamos, não conseguimos fazer isso, nós conseguimos humilhar. Eu até acho assim, quando a pessoa fala que está humilhado, já tem uma noção de direito, porque o camponês e tal, ele não se sentiu humilhado. Ele achava que aquilo era assim porque tinha que ser.

01:27:52 Sonia

Quando a pessoa fala que foi humilhado, porque ela sabe que tem um direito que não está se realizando.

01:27:56 Sonia

É um avanço. Mas como chegar a um estado que seja capaz de não humilhar as pessoas? Esse esse é meu grande dilema atual, é como ter um estado com essa capacidade.

01:28:10 Mônica Francisco

Mas voltando um pouquinho atrás, quem foi a grande figura que te inspirou?

01:28:19 Sonia

Não sei mesmo, eu tenho várias.

01:28:21 Sonia

Pessoas que foram importantes na minha vida, eu não sei se foram inspiração para seguir, não eu nem nunca, nem embora eu fale muito do Arouca, porque eu acho que ele teve uma posição, mas não sou daquele povo, fica babando o ovo do Arouca, não sou mesmo, é ao

contrário, brigava com ele, discutia com ele o Betinho, participei lá daquelas construídas 10 anos nosso, brigava o bom gato, cachorro, eu e o Betinho, depois saíamos para ir jantar junto e fazer aquela coisa toda. Então assim, são muitas pessoas que foram importantes.

01:28:51 Sonia

Tenho uma projeção nacional e eu reconheço essa projeção, mas eu não tenho essa história de um ídolo, uma pessoa assim, não. Eu acho que a gente vai se construindo em todas as relações, né? Das mais visíveis publicamente, é aquelas que são invisíveis.

01:29:11 Sonia

Você falou agora eu me lembrei do romual do meu amigo, um Romualdo maravilhoso, é sendo menino, adotado, foi dado para os outros, sofreu.

01:29:21 Sonia

E era uma pessoa que eu invejava muito, porque depois de ter sofrido todas as misérias do mundo, eles mandaram ele para um seminário, para os pais. Como ele estudou filosofia? Depois nós dois trabalhamos juntos na faculdade de filosofia em Belo Horizonte, pesquisa e tudo.

01:29:39 Sonia

E eu tinha uma inveja dele porque.

01:29:41 Sonia

Ele sempre conseguia ser, elaborar aquelas coisas muito mais do que eu sabia. Eu falava, por que que eu não aconteceu? Eu sei que é porque eu não tinha estudado filosofia, então não tinha, mas eu era inveja boa, porque eu adorava, ele adorava e adorava também a forma que não é a minha, mas é a forma de identidade dele.

01:30:02 Sonia

Nós éramos amigos de alma assim, né? É, por exemplo, ele foi fez o concurso para professor da universidade.

01:30:11 Sonia

E passou no concurso. E aí depois, quando tem que um exame de admissão, aí o exame de fezes dele, ele deu que ele tinha uns bichinhos lá dentro e tinha que se tratar e fazer outras fezes, senão não podia ser professor. E ele disse que não queria ser professor.

01:30:28 Sonia

Desistiu é tudo que nós criamos na vida. E ele disse que o estado não tinha a ver com as fezes dele, que ele não ia deixar que o estado definisse quais os bichos que ele tinha que ter dentro dele, quais os que não tinha que ter.

01:30:40 Sonia

Então, sabe, eu convivi com pessoas maravilhosas na vida que tinham outra perspectiva diferente da minha. Não sei. Nós oferecemos para emprestar um cocô de qualquer um de nós.

01:30:51 Sonia

Mas ele não topou, ele não topou. Então, assim, eu convivi e convivi apaixonadamente com pessoas maravilhosas da minha vida. Inúmeras, inúmeras pessoas.

01:31:05 Mônica Francisco

Só você para poder adicionar na mesma conversa o cocô do seu amigo.

01:31:10 Sonia

Com o estado?

01:31:11 Mônica Francisco

Com o estado dessa trajetória impecável, só que é para finalizar mesmo, de verdade, para a gente liberar dessa conversa maravilhosa, qual o seu sonho para você?

01:31:22 Sonia

Meu sonho agora ele é diminuir a barriga, conseguir baixar alguns quilos e beber menos.

01:31:33 Sonia

Sim, buscar prazer em outras coisas. Prazer assim é fácil, né? Como o Vinícius chamava de cachorro engarrafado, que era o amigo principal dela.

01:31:43 Sonia

Mas assim é... Eu tenho uma vida mais saudável, continuar lutando. Eu eu quero poder ver minhas netas.

01:31:56 Sonia

Mais crescer, mais poder ajudá las no que for possível e para isso eu preciso ter mais saúde, que eu tenho muita. Eu sou uma pessoa esportista então ando de bicicleta, dou uma volta, na Lagoa eu nado 1000m a cada vez que eu me meto numa piscina e sou realmente eu faço e fiz tudo só voar que eu não voei mas já mergulhei de garrafa, já fiz Windsurf, fiz qualquer coisa na vida, então eu procuro viver uma vida prazerosa.

01:32:21 Sonia

Né? Voltar a fazer joias, essas que eu tô são minhas. Então eu voltar a fazer fazer joias é cozinhar.

01:32:29 Sonia

Eu não tenho sonhos de grande coisa não e continuar lutando, mas para isso eu preciso realmente estar inteira. E às vezes eu tenho me largado um pouco assim, né? Largado fica

assim, novela tomando um whiskinho, aquela coisa.

01:32:43 Mônica Francisco

Alguma coisa que você queira falar que a gente...

01:32:46 Mônica Francisco

Já contei, já me virou no avesso.

01:32:50 Mônica Francisco

Gente, maravilhosa, né? Palmas para ela. Obrigada, obrigada, obrigada, obrigada demais.

01:32:58 Sonia

Foi.